

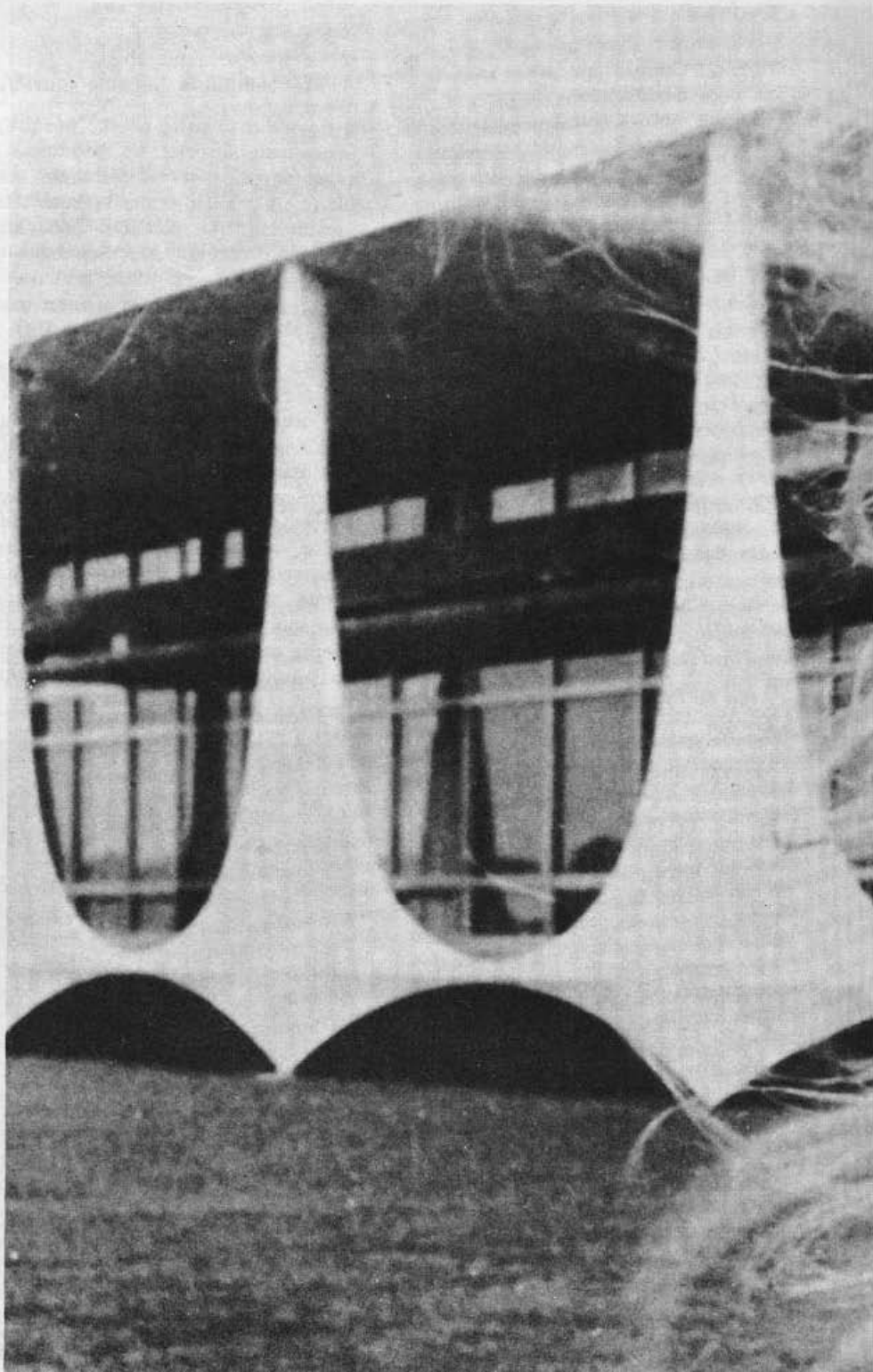
ROSSANA

da Sardenha a Brasília

Rossana Ghesa ganhou o prêmio de interpretação feminina do III Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Vitória conquistada com talento, dedicação, interesse — além de beleza, atributos notórios na jovem estrela do cinema brasileiro.

Italiana da Sardenha, Rossana Ghesa veio para o Brasil com a família, aos 7 anos de idade. Aqui floresceu, estudou, tomou gosto pela vida. O papel que lhe deu o prêmio em Brasília, o de protagonista de *Bebel, Garôta-Propaganda*, é, em muitos pontos, o que Rossana interpretou na vida real. *Bebel* posa para anúncios e cartazes de produtos de largo consumo; Rossana Ghesa já foi modelo para anúncios e cartazes de pasta dental, cigarros, sabonetes, etc. *Bebel* ingressa na televisão, vira garôta-propaganda, sofre o assédio de alguns produtores, dribla, atinge o estrelato de programas musicais e humorísticos; Rossana faz carreira na televisão, como garôta-propaganda, como estrelinha de musicais — e o assédio às muralhas de Jericó é permanente.

Na realidade, não foi difícil a integração de Rossana Ghesa no papel de *Bebel*. Claro, exigiu uma compreensão fundamental dos problemas que atingem *Bebel* durante sua ascensão no mundo do "show business". Quando Rossana atingiu a maioria, foi eleita Miss Objetiva pelos fotógrafos do Rio de Janeiro, onde sua adolescência floresceu. No filme, graças à ajuda não muito desinteressada de um jornalista e de um fotógrafo, *Bebel* chega à celebridade ou à popularidade quando vira capa de revista. A propósito, um dos tipos cuja abordagem a *Bebel* é sintomático e fatal para o sucesso existe na vida real até multiplicado, nas palavras da própria Rossana. "A di-



ferença" — comenta a estrêla — "é que no filme êle é gordo e na vida real é magro".

Quando Rossana Ghesa era garôta-propaganda, foi convidada a participar como atriz de alguns programas onde o seu talento e a sua beleza pudessem ser melhor aproveitados. Ela se sente na obrigação de agradecer de público ao "TV man" que lhe deu a mão, Wilton Franco.

Enquanto fazia televisão, descobria outro veículo moderno de comunicação de massa, útil à carreira artística, isto é, a profissão com que sempre sonhou: a fotonovela. Fêz

algumas, e encantou o público desse gênero de folhetim. Depois veio o cinema: *Paraíba, Vida e Morte de um Bandido*, em 1966; *007 e Meio no Carnaval*; *Carnaval Barra Limpa*, e agora, finalmente, o papel consagrador: *Bebel, Garôta-Propaganda*.

"Adorei a minha primeira experiência. Mas, naturalmente, só agora com *Bebel* me sinto realizada".

Além de cinema e televisão, Rossana também faz teatro; teatro leve, é claro. Sua mais recente experiência, "A Úlcera de Ouro", onde aparece com destaque na versão que vai excursionar. Sua versatilidade le-

vou-a ainda a experimentar o chamado espetáculo da madrugada; apareceu em seis "shows" — entre êles "Teu Cabelo Não Nega", de Carlos Machado.

E o que você prefere, Rossana?

"A tudo prefiro o cinema. Faço televisão porque, infelizmente, ainda não se pode viver exclusivamente do cinema no Brasil. Mas acho que o que o INC está fazendo é incrementar a produção. Logo, melhorar as condições de trabalho. De repente, o cinema brasileiro está descobrindo que nós, atôres e atrizes, somos importantes."

A maior ambição de Rossana Ghesa no Festival de Brasília era ganhar o prêmio de interpretação feminina. Essa entrevista foi feita uma semana antes de ela ver satisfeito êsse desejo natural. Rossana tem outras ambições também, típicas de uma atrizinha que pretende ser mais do que simples estrêla.

"A imprensa tem sido ótima comigo. E eu procuro ser sempre agradável."

E que mais além de fazer bom cinema você quer da vida, Rossana?

"Fazer coisas lindas e sérias. Há coisas que eu gostaria de obter e ainda não consegui. Mas lutarei por isto."

Rossana é obstinada, dedicada, consciente da sua posição e da sua condição profissional. Além de fazer no momento três programas de TV, dois no Rio e um em São Paulo, pretende imediatamente interpretar um nôvo filme "para não interromper o processo de aprendizado".

Você acredita no amor, Rossana?

"Acredito, e procuro cultivá-lo."

E o pudor, em arte? Diga alguma coisa a respeito.

"Bem, quando fiz *Paraíba, Vida e Morte de um Bandido*, meu maior argumento era meu corpo. Claro que senti inibição. Mas não acredito em falso puritanismo. Se o enredo pede, porque não filmar nua? Acho, porém, que se pode insinuar erotismo muito mais com vestes do que despindo. Em tese: há pessoas que deveriam todo o tempo aparecer nuas na tela. Se houver necessidade, não hesitarei em repetir o que fiz em meu primeiro filme, e, em parte, agora em *Bebel, Garôta-Propaganda*, mas quero, acima de tudo, provar que sei representar, e sou uma atriz."

